

DIVERSIDADE, INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO NO ALAMBAMENTO: ESTUDO COMPARATIVO E AUTOETNOGRÁFICO DO PARENTESCO ENTRE BAKONGO E OVIMBUNDU EM ANGOLA

Andre Manuel Lucas¹
João Da Fonseca Paulo²
Carlos Subuhana³

RESUMO

Este resumo apresenta uma análise comparativa e autoetnográfica dos rituais de casamento tradicional (alambamento) e das estruturas de parentesco entre os povos Bakongo (município de N'Zeto) e Ovimbundu (município do Huambo) em Angola. O estudo tem como objetivo compreender as correlações entre as cerimônias de casamento tradicional e as organizações de parentesco clã matrilinear (Bakongo) e bilateral flexível (Ovimbundu). A metodologia baseia-se na triangulação de pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com lideranças tradicionais e anciãos, e relato de experiência autoetnográfica do pesquisador. Os resultados evidenciam que, enquanto o alambamento Bakongo exibe caráter contratual rigoroso sob a autoridade do tio materno para legitimar a paternidade jurídica, o casamento tradicional Ovimbundu pauta-se pela flexibilidade econômica e cooperação mútua para a autonomia do novo lar. Conclui-se que o alambamento atua como mecanismo de resistência identitária frente à urbanização. O trabalho contribui para o tema da Semana Universitária ('Diversidade, Inclusão e Transformação Social') ao promover a diversidade cultural angolana, assegurar a inclusão epistemológica das vozes e oralidades das lideranças tradicionais e dos anciãos na academia, e fomentar a transformação social através da resignificação de saberes ancestrais em diálogo com a universidade. Indica-se como Grande Área do CNPq: Ciências Humanas. Agradece-se à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pelo apoio institucional e fomento à pesquisa de decolonização do saber.

Palavras-chave: Alambamento; Parentesco; Angola.

UNILAB, CEARA, Discente, andreageu2019@gmail.com¹

UNILAB, CEARA, Discente, joaofonsecapaulo08@gmail.com²

UNILAB, CEARA, Docente, subuhana@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

O casamento tradicional em Angola é uma tradição essencial que une famílias, preserva a cultura e valoriza a história do país. Segundo os estudiosos Carvalho (2018) e António (2019), esse ritual vai muito além de uma simples cerimônia: ele funciona como uma forma de proteger a identidade angolana contra as mudanças e a perda de costumes causadas pelo crescimento das cidades. Esse fenômeno insere-se na realidade de Angola, país de 1.246.700 km² e 21 províncias (MAT, 2025). Com 36,6 milhões de habitantes, de maioria bantu (INE, 2024), destacam-se como um dos grandes grupos etnolinguísticos os Ovimbundu (29,1% da população, no Planalto Central) e os Bakongo (14,4%, no noroeste).

Embora o alambamento seja muito importante, os estudos sobre ele têm uma grande falha: costumam tratar todos os rituais como se fossem iguais (chamando-os de "casamento bantu") ou focam em apenas uma comunidade isolada. Quase não existem pesquisas que comparem diretamente grupos com sistemas de família diferentes como os Bakongo (que seguem a linhagem matrilinear) e os Ovimbundu (que consideram tanto o lado do pai quanto o da mãe - bilateral flexível). Além disso, faltam estudos feitos pelos próprios pesquisadores participando ativamente do ritual.

Este estudo foca no paralelo comparativo e autoetnográfico da ritualística matrimonial e do parentesco em dois pontos específicos: o município de N'Zeto (Zaire), representando os Bakongo, e o município do Huambo (Huambo), representando os Ovimbundu. Formula-se o seguinte problema: quais as semelhanças e diferenças nos rituais e símbolos do alambamento entre os Bakongo de N'Zeto e os Ovimbundu do Huambo, e como essas particularidades revelam suas respectivas estruturas de organização familiar e de parentesco?

A hipótese é que as assimetrias nos rituais e dotes ligam-se à estrutura de parentesco de cada grupo. O dote rígido e solene dos Bakongo do N'Zeto reflete o sistema matrilinear clã, onde o alambamento funciona como compensação jurídica indispensável para legitimar a paternidade social do pai sobre os filhos. Por outro lado, os Ovimbundu do Huambo realizam um ritual mais flexível e econômico. Isso acontece porque a estrutura familiar deles valoriza tanto o lado do pai quanto o da mãe, focando na criação de um novo lar estável e na ajuda mútua entre as duas famílias.

O objetivo geral é analisar comparativamente os rituais tradicionais (bate-porta/apresentação, pedido e alambamento) entre os Bakongo de N'Zeto e os Ovimbundu do Huambo, evidenciando seus aspectos simbólicos, sociais e econômicos e sua correlação com as estruturas de parentesco e a manutenção identitária.

METODOLOGIA

Esta pesquisa usa uma abordagem qualitativa, pois os sentimentos, os símbolos do ritual e as relações de família não podem ser explicados por números, exigindo uma análise profunda e detalhada (MINAYO, 2001; FONSECA, 2020) com rigor técnico (GIL, 2008). Para isso, o método combinou três fontes de informação: Pesquisa Bibliográfica: Foi feito um levantamento detalhado sobre a cultura bantu e sistemas de família. O estudo destacou as pesquisas de campo de Estermann (1990), Altuna (2006) e Silva (2015), além das teorias clássicas sobre casamento e parentesco de Lévi-Strauss (1982) e Radcliffe-Brown (1952). Pesquisa Empírica com Entrevistas Online: Foram feitas entrevistas conversacionais com anciãos das regiões do Huambo e do N'Zeto. O uso do aplicativo permitiu superar a distância geográfica, técnica apoiada por Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio (2009). Para respeitar a ética, os participantes como o Sr. Jerônimo Torres (2026) aceitaram participar por meio de um termo de consentimento(TCLE) e tiveram suas identidades protegidas por nomes falsos. Por fim, as conversas foram gravadas, escritas e analisadas em detalhes usando o método



de Bardin (2011). Autoetnografia e Observação Participante: O pesquisador foi, ao mesmo tempo, quem estudava e quem era estudado. Ele viveu a experiência real de ser o noivo nos dois rituais de alambamento (no Huambo e no N'Zeto, com sua atual esposa). Com base em Ellis, Adams e Bochner (2011) e Geertz (1989), essa experiência prática foi transformada em dados científicos, analisada de forma crítica e comparada o tempo todo com os depoimentos dos anciãos e as teorias sobre família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação revela que o alambamento detém uma legitimidade comunitária e validação social que muitas vezes supera a do casamento civil ou religioso na percepção local (SILVA, 2015; ESTERMANN, 1990).

No Huambo (Ovimbundu), prevalece a flexibilidade e a hospitalidade. O bate-porta (apresentação) ocorre sem taxas ou dotes predefinidos, operando com agrados de livre escolha. Na experiência autoetnográfica do autor no Huambo, a família da noiva devolveu parte do dote inicial de bebidas, argumentando que excessos de dote ferem o protocolo de aproximação familiar. A negociação do alambamento é maleável e focada na estruturação da nova célula familiar e doação de louças de cozinha (ówikwata). O rito encerra-se com o simbolismo (como o teste da noiva coberta e o dinheiro dos panos estendidos pelas tias) e oratória poética, sintetizada na metáfora: 'tweyokonhula okatchipa ketu' significa que Viemos selar a união da nossa família, que agora está unida pela nossa descendência(filha), culminando em um banquete onde a comitiva do noivo 'não pode sair sem beber água'.

No N'Zeto (Bakongo), o processo é solene, formal e contratual. A apresentação impõe exigências materiais estritas e multas imediatas, como a taxa de 30.000 Kwanzas(169,23 reais) aplicada à comitiva do pesquisador porque o "garrafão de vinho não pode vir só (não se pode beber o vinho sem nada para acompanhar)". O dote é pedido em uma complexa carta que une as demandas dos pais, dos avós, da noiva, do pedido e do alambamento. Na sociedade matrilinear, a falta de recursos para o pedido e do alambamento ao mesmo tempo, pode se tolerada ou seja a pessoa pode fazer só o pedido em primeiro lugar, mas o cumprimento do alambamento é obrigatório e inalienável para conferir direitos de paternidade jurídica e social ao pai. Sem ele, as crianças pertencem integralmente ao clã materno sob tutela do tio, regra resumida no provérbio: 'ó twana tunagomba kisse'.

O quadro comparativo deixa claro que as simbologias tradicionais (como jogar dinheiro nos panos, o jogo da noiva coberta e o dinheiro do táxi) fazem parte da mesma raiz cultural bantu compartilhada por ambos os povos. A grande diferença está no valor legal e espiritual que cada um dá ao dote. No Huambo, a festa serve para comemorar o nascimento de uma nova família independente através da união dos parentes. Já no N'Zeto, o alambamento funciona como um contrato tradicional muito rígido. Lá, o pagamento correto dos valores para a família da mãe é obrigatório para que os filhos do casal sejam aceitos espiritualmente pelo clã e pelos antepassados.

Apresentação (Bate-porta) - Contexto Ovimbundu (município do Huambo) - Flexível; dote de livre escolha do noivo; sem multas administrativas ou exigências materiais. Obs: geralmente as famílias já sabem o que trazer. Estrutura da Carta - Focada na proposta de aliança; dotes negociáveis, acessíveis e focados na reciprocidade familiar. Significado do Alambamento - Consolidação do novo lar; dote de transição voltado à autonomia e subsistência doméstica do casal. Performances e Símbolos - Dinheiro nos panos, ongandala(cabaça), menino com flecha, teste das noivas, não sair sem beber água. Apresentação(Bate-porta) - Contexto Bakongo (município de N'Zeto) - Rígido; dote material predefinido; exigência de multa em dinheiro para acompanhar o garrafão de vinho. Estrutura da Carta - Unificada e complexa (Pais, Mãe, avós, Pedido e Alambamento); valores elevados e cobrados de forma detalhada para cada etapa. Significado do

Alambamento - Legitimação jurídica dos filhos (ó twana tunagomba kisse) e compensação honorífica à linhagem materna. Papel da Linhagem - Matrilinear; centralidade absoluta do tio materno que dita os termos da partilha de bens. Performances e Símbolos - Dinheiro nos panos, batimento do makunku (palmas rituais), oratória do Mpoví, teste das noivas cobertas. Tia da noiva compra a louça,

CONCLUSÕES

A comparação entre os rituais de N'Zeto e do Huambo confirma a ideia inicial deste estudo: as diferenças nas cerimônias e nos valores dos dotes não acontecem por acaso ou por motivos puramente financeiros, mas sim porque os dois grupos têm estruturas de família totalmente diferentes. O rigor e a seriedade do ritual em N'Zeto servem para proteger a linhagem materna (a Kanda dos Bakongo). Já a flexibilidade vista no Huambo reflete a cooperação que envolve tanto o lado do pai quanto o da mãe na cultura Umbundu. Com isso, os objetivos da pesquisa que eram mapear, compreender e comparar esses dois modelos foram totalmente cumpridos.

Alinhada com o tema da XII Semana Universitária da UNILAB ("Diversidade, Inclusão e Transformação Social"), a pesquisa traz contribuições importantes em três frentes: Na diversidade o estudo mostra a riqueza cultural de Angola dentro da identidade bantu. Ele prova que existem leis tradicionais e filosofias de vida únicas convivendo no mesmo país, o que ajuda a quebrar a visão colonial errada de que toda a cultura africana é igual. Na inclusão o uso da autoetnografia e das entrevistas funciona como uma forma de inclusão científica. Esses métodos trazem para a universidade com o mesmo valor das teorias famosas a voz, as histórias e a sabedoria dos anciãos do N'Zeto e do Huambo. Ao incluir as suas próprias vivências reais, o pesquisador ajuda a descolonizar o conhecimento científico e na transformação social a pesquisa demonstra que o alambamento não é um ritual parado no tempo, mas sim um processo vivo.

Diante do crescimento rápido das cidades e da modernidade em Angola, as famílias adaptam e dão novos significados às suas tradições para manter as pessoas unidas. Assim, o casamento tradicional continua sendo uma ferramenta ativa para defender a identidade, o orgulho e a história do país.

AGRADECIMENTOS

À UNILAB e ao Instituto de Humanidades, por criarem um espaço de integração cultural e apoio à pesquisa científica. Ao meu orientador, Prof. Carlos Subuhana, pela paciência, orientações precisas e por confiar na autoetnografia como um caminho legítimo de ciência. Ao meu colega João da Fonseca Paulo, pela parceria incansável na coleta de dados, debates teóricos e companheirismo. Aos líderes tradicionais de N'Zeto e do Huambo, especialmente ao Sr. Jerônimo Torres, por compartilharem suas memórias e a sabedoria ancestral bantu. À minha esposa, aos meus familiares e aos meus sogros, por me acolherem com carinho no processo do alambamento. Este trabalho é a história da nossa própria união e identidade. A todos que contribuíram para este diálogo de saberes e resistência cultural.

REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. Cultura tradicional bantu. Lisboa: Paulinas, 2006.
ANTÔNIO, Fernando Júnior Adão. Casamentos tradicionais e identidades em Angola. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Humanidades) -- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia

- Afro-Brasileira, Redenção, CE, 2019.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Cultura e identidades em Angola*. In: SILVA, João (Org.). *Angolano, Escritor, 1958-2020: estudos culturais*. Luanda: Editora Cultural, 2018. p. 45-67.
- ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. *Autoethnography: an overview*. *Historical Social Research*, v. 36, n. 4, p. 273-290, 2011.
- ESTERMANN, Carlos. *Costumes e tradições do povo Ovimbundu*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1990.
- FONSECA, Cláudia. *Pesquisa qualitativa e subjetividades*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela; DI LUCCIO, Flávia. *O uso de entrevistas online: uma alternativa viável para a pesquisa qualitativa*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 2, p. 293-300, 2009.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Structure and Function in Primitive Society*. Glencoe: The Free Press, 1952.
- SILVA, Márcia Maro da. *Transformações culturais e resistência em Angola*. Luanda, 2020.
- SILVA, Sozinho Kilola. *Práticas culturais angolanas: o parentesco bakongo*. Luanda: Kilombelombe, 2015.